



ANDREW ATCHISON/ICOBIS

# Ler sem barreiras

Não ver, não ouvir ou ter dificuldades de aprendizagem não podem ser constrangimentos. Muitos países procuram soluções para as crianças com necessidades educativas. Por cá, também existem algumas propostas. *Por Bárbara Wong, em Copenhaga*

● John tem oito anos e nasceu com uma deficiência que o impossibilita de mexer os braços. Não consegue escrever, folhear um livro, usar o rato ou o teclado do computador, mas é um ás a Matemática. Como? Usa um joystick que lhe permite aprender e comunicar com o mundo. Uma escola inclusiva, para que todos os alunos possam ser autónomos, é um dos cavalos-de-batalha da Agência Europeia para o Desenvolvimento em Necessidades Especiais de Educação. Por isso, a acessibilidade foi o tema da reunião da agência, na Dinamarca, no final de Junho, onde se divulgaram alguns projectos europeus para a área da educação.

Dentro do bolo da acessibilidade cabem os livros digitais; sítios na Internet e programas de *software* pensados para crianças e adultos com necessidades especiais. Per Gunnvall, presidente da agência, organização independente mas apoiada por Estados-membros e instituições europeias, defende o acesso à informação como um “importante passo para a educação e também para a inclusão social”. “O que é bom para os alunos com necessidades especiais é bom para todos”, sublinha.

Irmgarda Kasinskaite-Buddeberg, da UNESCO, recorda que existem mais de mil milhões de pessoas com deficiência; destas, 110 a 190 milhões têm deficiências profundas, 15 por cento da população mundial, número com tendência para aumentar. Os principais desafios são o acesso à literacia e ao emprego, diz. É por isso que a aposta é na acessibilidade, a aplicar “a todos os níveis de ensino”, defende Cor Meijer, director da agência.

Na Escócia, há 25 anos, a Universidade de Edimburgo

criou o CALL (Communication, Access, Literacy & Learning), um departamento de investigação e fornecimento de serviços que procura soluções para os alunos que não conseguem utilizar livros ou qualquer documento, como os de exames escritos, seja porque são cegos, têm baixa visão, paralisia cerebral ou dislexia.

Para que “todas as crianças desenvolvam todas as suas capacidades para serem alunos de sucesso, indivíduos confiantes, cidadãos responsáveis e eleitores efectivos”, diz Stuart Aitken, da Universidade de Edimburgo, o centro tem apostado no uso das novas tecnologias e na sua aplicação em casos práticos, como é o de John, “um dos melhores alunos a Matemática, na sua escola”. Como não consegue folhear um livro, John usa os livros digitais, lidos por vozes com pronúncia escocesa – uma invenção do CALL chamada The Scottish Voice, para que as crianças escocesas aprendam o inglês com a pronúncia da região. O uso destes livros digitais também pode ser recomendado às crianças disléxicas, porque, à medida que ouve a voz que sai do computador, a criança pode ir observando como se escreve e como se lê cada uma das palavras que vai sendo sublinhada a amarelo fluorescente no ecrã.

## Onde está o esquivo?

Em Portugal, a editora Cercica - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais criou a colecção *4 Leituras*. Cada livro é acompanhado de um DVD que permite ler de várias maneiras a mesma história.

Um pequeno esquivo salta de ramo

em ramo, até que cai e desaparece num buraco no chão. Através do DVD é possível ver a história representada por uma intérprete de língua gestual portuguesa num cenário em tudo semelhante ao do livro.

O disco serve ainda para as crianças que não sabem ler poderem, através de pictogramas, compreender a história, que pode ser ouvida ou ainda ser lida em *braille*. Rosa Neto, directora da Cercica, lembra uma mãe que agradeceu muito à editora, porque pôde, pela primeira vez, ler uma história ao seu filho. A mãe era cega. Os livros estão à venda na maior parte das livrarias.

A Cercica reuniu uma equipa de autores e de ilustradores e é, a partir da história, que cria sistemas aumentativos de comunicação, desenvolve conteúdos em língua gestual portuguesa, grafia *braille*, bem como animação e programação multimédia, porque as histórias vêm acompanhadas de conteúdos pedagógicos, articulados com o currículo escolar. Este projecto já ganhou um prémio do Instituto de Empreendedorismo Social, porque “é único no país”, orgulha-se Anabela Matias de Castro, coordenadora editorial da cooperativa. “O importante é fazer coisas para todos. Com estes livros, uma criança com necessidades educativas não precisa de sair da sala quando a educadora está a ler o livro, porque, por exemplo, a terapeuta da fala pode fazer um trabalho em conjunto com a educadora”, sugere Rosa Neto.

À excepção da Cercica, a maior parte dos livros e materiais escolares utilizados pelas crianças com necessidades são desenvolvidos pelo centro de recursos do Ministério da Educação. São produtos que ficam caros e, por isso, são pouco atraentes

para a maior parte dos editores, avalia Rosa Neto.

Na Escócia, todos os computadores das escolas têm o World Talk, uma ferramenta que permite ler textos. Para promover a acessibilidade, as editoras fazem contratos com o governo para fornecerem os livros em formato digital, e os exames e testes têm esse mesmo formato – o exame é tal e qual o que os alunos sem necessidades educativas vão fazer, só que os alunos com necessidades podem ouvir a leitura e têm mais tempo para o realizar. Existe uma organização não governamental que aumenta o corpo de letra dos livros a pensar nos alunos com baixa visão.

## Objectivo: autonomia

“Todas estas iniciativas têm um fim único: que o aluno seja autónomo. Como é que se pode ser um aluno de sucesso, se precisa de uma pessoa para lhe ler, para passar as páginas, para o ajudar a navegar na Internet, para escrever... Como é que se pode tornar um cidadão responsável, se não tiver acesso à informação?”, pergunta Stuart Aitken.

As ferramentas que o CALL desenvolve servem cinco por cento dos alunos escoceses. Porém, algumas podem ser usadas por estudantes que talvez não tenham dificuldades motoras ou físicas, mas que, por exemplo, têm dificuldade em aprender a ler.

Na Alemanha, no Instituto de Tecnologia de Karlsruhe, Joachim Klaus constatou, há duas décadas, que os alunos com deficiência visual precisavam de ajuda para estudar. Constatou que poucos desses alunos escolhiam Matemática ou Economia e foi a pensar neles que desenvolveu ferramentas, para que pudessem

escolher áreas técnicas ou das ciências exactas. Mas o serviço que criou, o Studienzentrum, foi mais longe, e procura apoiar os estudantes em toda a sua vida académica, por exemplo, a encontrar residência ou a movimentar-se no *campus*.

O português Luís Covas terminou o seu curso de Filosofia na Universidade de Lisboa em 1996 e rumou à Alemanha para estudar em Karlsruhe. No ano seguinte, recorreu ao Studienzentrum e, ainda hoje, com o doutoramento feito e depois de ter dado aulas na universidade, continua a fazê-lo, sobretudo por questões de ordem técnica, diz ao P2 por *email*. Continua também a trabalhar com a linha *braille* que disponibilizada pelo centro.

No Reino Unido, onde 18 por cento das crianças têm necessidades educativas especiais, existem várias plataformas de ensino com base tecnológica, há soluções de *software* que permitem dar autonomia a alunos cegos, surdos e outros. Mas, apesar de existir muita oferta, esta é “exigente e cara, porque é necessário *software* específico para que as crianças tenham acesso”, lamentam John Galloway e Terry Waller, consultores ingleses.

“As práticas em educação especial são, muitas vezes, de pedagogia substractiva e não aditiva. É condição essencial ter altas expectativas relativamente a todos os alunos, contrariando o facilitismo e os baixos níveis de exigência”, conclui Filomena Pereira, membro do conselho de representantes na Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial.

*O P2 viajou a convite da Agência Europeia para o Desenvolvimento em Necessidades Especiais de Educação*